

Infohabitar, Ano XVI, n.º 753

Sobre os espaços domésticos (mais) privados, uma introdução - Infohabitar n.º 753

António Baptista Coelho

Resumo

Desenvolve-se, primeiro, uma pequena introdução de enquadramento aos espaços domésticos considerados como “mais privados”, passando-se, em seguida, para uma abordagem específica, embora sintética, dos principais espaços desse tipo, a saber: quartos, considerados como compartimentos não apenas para dormir, e como espaços de forte apropriação, intimidade e sossego; escritórios e espaços de trabalho profissional em casa e espaços domésticos de lazer e trabalho não doméstico nem profissional; casas de banho e espaços de banho privativos; outros espaços privativos e diferenciados, como recantos vários e alcovas em espaços domésticos comuns; e, finalmente, o que podemos considerar como os pequenos grandes mundos do pormenor doméstico.

Pequena introdução aos espaços domésticos “mais privados”

A ideia-base desta abordagem específica e relativamente destacada aos espaços domésticos aqui designados como “mais privados”, sendo que estes integram e, de certa forma, qualificam, pela sua natureza básica de espaços privados, o desenvolvimento, a caracterização e a própria designação da habitação como “espaço privado”, tem a ver, essencialmente, com dois aspetos, já de seguida, “apenas” apontados e que contamos vir a individualizar e a desenvolver em próximos textos.

O primeiro aspeto refere-se ao importante desenvolvimento de um mundo doméstico com três distintas, enriquecedoras e mutuamente estimulantes facetas: (i) um sentido

de global privacidade, identidade, conforto e estratégica separação de outros mundos mais comuns e públicos, sentido este bem natural num espaço doméstico, bem protegido e caracterizado de acordo com tal natureza espacial/ambiental, física e psicológica; (ii) um sentido de potencial de convívio familiar ou doméstico que pode e deve trazer para esta esfera mais íntima atividades de partilha e de interação social com expressiva diversidade e que poderão ela próprias contrastar agradavelmente com esse sentido de privacidade global e com a natureza de privacidade pessoal, em seguida apontada; e (iii) o referido sentido de privacidade pessoal, de identidade pessoal e de caracterização pessoal, que constitui talvez a base do sentido doméstico e que, no entanto, se caracteriza por alguma ambiguidade no que se julga deveria ser o adequado serviço à individualidade de cada um dos membros de um casal – serviço este só verdadeiramente possível quando existem especiais condições de espaciosidade e de estruturação domésticas, mas que pode e deve ser sempre considerado, designadamente, ao nível do detalhe e do desenvolvimento de subespaços domésticos “superprivados”.

O segundo aspeto refere-se ao igualmente importante desenvolvimento de um “pequeno” mundo doméstico expressivamente privado, no sentido da criação de um ambiente físico e psicológico bem caracterizado e caracterizador da individualidade de cada um de nós, que nos sirva o melhor possível em termos do amplo leque das nossas necessidades, gostos e desejos e que se constitua mesmo como uma nossa “segunda pele” até no sentido de nos poder ajudar a caracterizar em termos da nossa própria identidade e história de vida; tudo isto num sentido que também se pode e deve prolongar por toda “nossa” habitação, mas aqui talvez de uma forma mais consensualizada e partilhada com os membros do nosso agregado familiar, quando existam evidentemente – o que evidencia a importância da capacidade de apropriação e de identidade de toda a habitação, tratando-se de habitações para pessoas sós.

Tendo-se abordado esta matéria que, repete-se, se considera de grande interesse, designadamente, numa inovadora abordagem atualmente tão necessária aos espaços domésticos mais privados, saliente-se que nas próximas semanas editoriais viajaremos, aqui na Infohabitar, mais um pouco, pelos espaços domésticos privativos e pessoais, portanto aqueles mais amigos de um uso individual, ou muito ligado ao casal, e onde, também não há que excluir os outros, mas sim acolhê-los marcando, aqui, ainda mais fortemente, aspectos de identidade e de abrigo.

O que pode ajudar a caracterizar a nossa casa como um sítio diferente de um simples espaço de estadia/abrigo é, exatamente, a associação entre as atividades correntes da habitação e inúmeras outras atividades ligadas, quer ao trabalho diversificado – tanto profissional como de passatempos, como de verdadeiras “segunda atividades” –, quer ao lazer, quer, por exemplo, ao colecionismo (nas sua mais variadas formas), quer a características e modos de habitar específicos e bem distintos dessas actividades referidas como correntes e que se associam, frequentemente, a tipos específicos de compartimentos (sala/estar, quartos/dormir, casa de banho/higiene pessoal, vestíbulo/entrar, etc.).

Realmente, o que poderá ajudar a identificar e a caracterizar positivamente uma dada habitação será a capacidade por ela oferecida para que em cada um dos seus espaços, mais correntes, possam ser realizadas muitas outras atividades diferentes daquelas que, habitualmente, aí são realizáveis como “concha” de simples alojamento funcional; e de certa forma até esse simples “alojamento funcional” nos seus diversos aspetos(ex., refeições, dormir, descansar, etc.) devem poder “rodear-se” e “transfigurar-se” de múltiplos modos consoante variados desejos, necessidades e evolução de tais desejos e necessidades.

Cumulativamente, uma tal diversidade de potenciais identificações numa dada habitação também dependerá da capacidade, por ela oferecida, para se “transmutar” ou converter no “reino” doméstico mais apropriado para as mais distintas e específicas formas de habitar.

E o que apetece comentar sobre isto é que esta perspectiva é sem dúvida muito mais aliciante do que a que é pobremente oferecida por habitações “unifuncionais” e mesmo “uniformais”, onde em cada um dos seus espaços dificilmente é possível desenvolver outras atividades do que aquelas consideradas correntes pela “família tipo” da “cultura dominante”, e com formas idênticas.

São, designadamente, os seguintes os diversos tipos de espaços/elementos domésticos pessoais de que aqui “falaremos”, caso a caso, nas próximas semanas:

- Quartos privados
- Espaço de lazer/trabalho
- Pequenos escritórios e espaços de trabalho profissional em casa
- Outros espaços privativos e diferenciados

- Recantos vários
- Alcovas em espaços domésticos comuns
- Detalhes domésticos

Nestas matérias é evidentemente essencial estudar e aprofundar a história dos espaços domésticos e os seus usos e costumes.

Mas para fazer avançar, desde já, um pouco uma matéria que se julga bem aliciante, apontam-se em seguida, apenas exploratoriamente, alguns aspetos gerais sobre alguns desses espaços, recantos e elementos domésticos.

Quartos não apenas para dormir, espaços de apropriação, intimidade e sossego

O quarto pode ser o quarto de dormir clássico, praticamente estruturado pelo espaço/cama, sem grandes ambientes/atividades complementares ou paralelas, ou pode constituir um conjunto de subzonas de atividades entre as quais as associadas ao espaço/cama terão, eventualmente, algumas preponderâncias, mas proporcionando pequenas áreas de lazer, estar e trabalho.

E até pode acontecer que se deseje dormir, por exemplo, na sala ou numa biblioteca, reduzindo-se, relativamente, a importância do espaço/cama.

Durante anos e ainda hoje, muita da promoção habitacional "comercial", propôs uma "zona íntima" doméstica, onde se agregavam muitas vezes com carácter quase segregado do resto da habitação, todos os quartos da habitação, um sítio quase isolado, onde afinal acabava por se desenvolver uma espécie de desprivatização ou proximidade excessiva, muitas vezes associada a um exíguo corredor ou vestíbulo interior para o qual dão todos os quartos e as principais casas de banho.

Escritórios e espaços de trabalho profissional em casa e espaços domésticos de lazer e trabalho não doméstico nem profissional

A temática do trabalho profissional ou não-doméstico em casa – habitual e globalmente designado por *home-office* – poderia inaugurar um outro grande tema desta série editorial, o que não se pretende, pensando-se no tema numa perspectiva suplementar às atividades mais diretamente ligadas à habitação.

Os espaços para trabalho profissional ou não-doméstico em casa devem ser razoavelmente “separados” dos restantes espaços da casa e estarem próximos do vestíbulo de entrada, tanto porque podem apoiar atividades que exigem algum sossego e isolamento (escrita, estudo e leitura) ou porque podem ser pouco compatíveis com a habitação (produzem ruídos e lixos), ou porque essas atividades podem incluir a recepção de estranhos à família.

Este sentido de separação entre espaço expressivamente mais doméstico e subespaços ou espaços dedicados a uma prática profissional poderá ser, naturalmente atenuado, quando existam condições assinaláveis de espaciosidade e/ou de acessibilidade doméstica alternativa, e/ou quando se desenvolvam grandes espaços multifuncionais e bem projetados em termos de conforto ambiental; sendo que tal sentido de multifuncionalidade e de integração de atividades mais domésticas e mais profissionais está atualmente muito bem servido pelas novas tecnologias de trabalho informatizado e de partilha de informação – e neste sentido é sempre interessante lembrar o elevado número de pessoas que, hoje em dia, trabalham “à distância” em múltiplas localizações também fora de casa (por exemplo à mesa de um café).

O que se referiu para os espaços de trabalho em casa aplica-se, em boa parte, aos espaços de lazer domésticos, até porque frequentemente serão ténues as fronteiras entre trabalho e lazer em casa, havendo, por exemplo, passatempos que sendo ações de lazer exigem verdadeiros espaços especializados e, frequentemente, oficinais.

Globalmente os espaços de lazer domésticos deve, ser atraentes e estimulantes e, essencialmente, devem ser múltiplos, diversificados e disseminados por toda a habitação; sendo que, por exemplo, uma banheira bem localizada e ergonómica pode e deve ser também um excelente espaços de leitura, e um recanto de sofá muito confortável pode tornar-se num local preferido de repouso e reflexão.

Quando os espaços globalmente designáveis como de lazer doméstico crescem em especialização, por exemplo numa gradação que poderá ter as exigências do colecionismo numa fase intermédia e, depois, as necessidades específicas de conforto ambiental exigidas, por exemplo, por um estúdio de pintura, então, poderemos chegar a uma situação em que todo o espaço doméstico se estruture e desenvolva em função de tais necessidades e desejos.

E não tenhamos quaisquer dúvidas de que o sentido da adaptabilidade espacial e ambiental doméstica é sempre aquele que mais situações servirá em termos diretos

de adequação a múltiplas vontades e necessidades e de natural evolução, no tempo, de tais vontades e necessidades.

Casas de banho e espaços de banho privados

Globalmente, importa sublinhar a possibilidade de desenvolvimento da “figura” do espaço de banho com um sentido caracterizador e caracterizado por determinadas formas de viver a habitação.

Situação que poderá ligar-se ao desenvolvimento de associações entre espaços de banho e outros espaços de estar, dormir e lazer com forte carácter identitário e relativamente privado, embora espacialmente pouco controlado em termos dimensionais. Um exemplo expressivo de um tal espaço é o sítio de banho de uma das grandes casas projetadas pelo Arq.º Charles Moore, que se integra num espaço de estar e assume mesmo uma posição destacada neste espaço.

E lembremo-nos que a própria história do banho fundamenta especificamente esta ideia, e não só a vontade individual da mesma.

Outros espaços privados e diferenciados, recantos vários e alcovas em espaços domésticos comuns

A esta matéria dedicaremos uma próxima e específica reflexão escrita, bastando apenas para já referir aqui que a “revolução” funcionalista praticamente erradicou tais elementos da gramática da construção dos mundos domésticos, esquecendo tudo o que, afinal, tinha constituído a base da construção do viver doméstico nómada e depois, por exemplo, medieval, numa perspetiva de simplificação formal e funcional do mundo habitável, assim reduzido a espaços maiores monofuncionais ocupados por elementos de mobiliário também frequentemente monofuncionais.

Depois da justificada revolução “higienista” sucedeu uma revolução pobremente funcionalizadora de um mundo doméstico em que a função, realmente, nunca foi a razão única e fundamental de estruturação e caracterização espacial e ambiental; e salienta-se que foi, afinal, uma revolução funcionalizadora que apenas se “libertou” pela criatividade de grandes arquitectos.

Os pequenos grandes mundos do pormenor doméstico

O que se irá comentar sobre o detalhe doméstico serão, essencialmente, matérias suplementares, ou melhor dito, paralelas, às já referidas sobre os espaços da habitação, e praticamente não dedicadas aos aspectos funcionais, já amplamente visados em diversos estudos, mas privilegiando determinadas notas associadas às opções de Arquitectura interior e ao seu diálogo com os habitantes ao serviço das opções gerais apontadas nas respectivas soluções domésticas.

Sobre o pormenor e o detalhe doméstico vale a pena comentar, ainda, a título de introdução, que é matéria que abre todo um outro “novo” mundo de concepção e projeto, tantas vezes injustamente “menorizado” a título de “decoreção” e que reganhou alguma importância com a designação de “arquitetura de interiores”.

O presente artigo corresponde a uma edição ampliada, modificada e revista do artigo que foi editado na Infohabitar, em 25/04/2016, com o n.º 579 e integrado no ciclo editorial associado aos anos em que o autor esteve ausente do LNEC para ser professor na UBI.

Referências editoriais:

1.ª Edição: Infohabitar, Ano XVI, n.º 753, terça-feira, novembro 03, 2020

Link para a 1.ª edição: <http://infohabitar.blogspot.com/2020/11/sobre-os-espacos-domesticos-privados.html>

Etiquetas/palavras chave: habitação, espaços domésticos privados , espaços privados , microespaços domésticos , microfunções domésticas , micropaisagens , novas funções domésticas

Nota editorial da Infohabitar:

Embora a edição dos artigos na Infohabitar seja ponderada, caso a caso, pelo corpo editorial, no sentido de se tentar assegurar uma linha de edição marcada por um significativo nível técnico e científico, as opiniões expressas nos artigos e comentários apenas traduzem o pensamento e as posições individuais dos respectivos autores desses artigos e comentários, sendo portanto da exclusiva responsabilidade dos mesmos autores.

Infohabitar

Editor: António Baptista Coelho, Investigador Principal do LNEC

abc.infohabitar@gmail.com, abc@lneec.pt

A Infohabitar é uma Revista do GHabitar - Associação Portuguesa para a Promoção da Qualidade Habitacional – Associação atualmente com sede na Federação Nacional de Cooperativas de Habitação Económica (FENACHE) e anteriormente com sede no Núcleo de Arquitectura e Urbanismo do LNEC.

Apoio à Edição: José Baptista Coelho - Lisboa, Encarnação - Olivais Norte.